

“Espólios de Guerra”: O abuso sexual em Berlim no Pós-Guerra (1945-1950)

Nelcina Freire Alves

Graduada em História pela Universidade Católica de Pernambuco

Email: nelcinafreire@gmail.com

Resumo:

O seguinte artigo tem como objetivo entender as complexidades envoltas do estupro como arma de guerra imediatamente no final da II Guerra Mundial. Trazendo como palco principal Berlim durante a invasão soviética e a queda do período nazista, pretendemos entender como as políticas sociais incentivaram os abusos e as consequências dos traumas nas mulheres, e na sociedade em geral. É demonstrado nesse estudo também como as hierarquias de gênero tiveram um papel importante nas questões envoltas desse artigo. Memorias, diários e pesquisas acerca dos traumas sofridos pelas mulheres foram usados como fontes primarias desse artigo.

Palavras chaves: Pós-Guerra; Berlim; Estupro como arma de guerra; Violência sexual;

Introdução

Abuso sexual foi visto por muito tempo como uma ação estratégica e necessária nos campos de guerra. Era o ato final para a rendição total da parte perdedora, ocorrendo através de “escravidão sexual, limpeza étnica ou política, oportunidade ou tortura”

(SJOBERG, 2010, p. 124). O estupro era usado como uma arma de destruição em massa que tinha como objetivo destruir a confiança e dignidade de uma sociedade como todo.

Em 2008, o Conselho de Segurança das Nações Unidas passou a resolução 1820 que indicava que:

> (...) "mulheres e meninas são particularmente as mais visadas para o uso de violência sexual."[1] e "estupro, e outras formas de violência sexual pode constituir crime de guerra, crime contra humanidade, ou constituir ato de genocídio."[2] (United Nations Security Council. Resolution 1820. UN Index: S/RES/1820, 19 de junho de 2008. Tradução nossa. Disponível em: https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/CAC%20S%20RES%201820.pdf. Acesso em: 24/04/2022.)

Mas não foi até novembro de 2019, que alguém foi condenado por estupro em tempos de guerra. O chamado "Terminator" ou Chefe Militar Bosco Ntganda, da República Democrática do Congo foi condenado por assassinato, estupro, escravidão sexual e mais 18 crimes de guerras. Com isso, vemos que é mínima a vontade e ação internacional contra as atrocidades que vêm acontecendo em conflitos espalhados pelo mundo.

Como falado, o estupro foi usado como estratégia em diversos conflitos durante a história, nesse artigo pretendemos entender esse fenômeno no período logo após as primeiras invasões do exército soviético em Berlim durante abril de 1945. A Alemanha prosperou durante a II guerra mundial, com eletricidade, água encanada, comida e segurança razoável, isso continuou até os primeiros bombardeios soviéticos na capital. A partir daí os berlinenses começaram a sentir na pele o que os soviéticos e outros países sentiam desde o começo da guerra.

É importante levar em consideração que o estupro como arma de guerra aconteceu dos dois lados, com a entrada do exército nazista na União Soviética houve uma onde de ataques sexuais para com a população feminina Soviética com o intuito de promover

[1] "that women and girls are particularly targeted by the use of sexual violence, including as a tactic of war to humiliate, dominate, instil fear in, disperse and/or forcibly relocate civilian members of a community or ethnic group;"
[2] "Notes that rape and other forms of sexual violence can constitute a war crime, a crime against humanity, or a constitutive act with respect to genocide."

medo e rápida rendição. Em retorno, o exército vermelho tratou as alemãs com a mesma violência, muitas vezes por vingança. Esse comportamento agressivo visto em todo o território Alemão, em Berlim a brutalidade e barbaridade foi sem igual.

Esse artigo, portanto, pretende tentar entender as diversas formas que a violência sexual aconteceu durante o pós-guerra e os traumas que os abusos deixaram não só nas mulheres como indivíduos, mas na sociedade como um todo. Essa pesquisa terá foco especialmente nas ações do exército soviético em sua conquista de Berlim. Usaremos o diário "Uma mulher em Berlim: 8 semanas na cidade conquistada" pela Anônima e "A Long Silence: Memories of a German Refugee Child" da Sabina de Werth Neu como os principais relatos para a pesquisa. Junto a isso é importante entender as questões de gênero e poder relacionadas a esse fenômeno. Segundo a historiadora Joan Scott:

> o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

Com isso conseguimos entender que o gênero não se baseia na simples biologia, mas nas construções sociais e poder que é imposto em cada pessoa desde seu nascimento. Junto a isso, Ann Tickner e Jacqui True tentam jogar um pouco de luz no porquê as mulheres são as mais atingidas por esse crime de guerra:

> A ontologia feminista é fundamentada em relações sociais que são constituídas por estruturas historicamente desiguais em termos políticos, econômicos e sociais. Enquanto teorias convencionais de relações internacionais geralmente iniciam a análise no nível estrutural, observando um mundo de Estados, feministas estabelecem uma estratégia de "baixo para cima", iniciando a análise pela vida dos indivíduos e suas relações." (TICKNER e TRUE. 2018, p. 229)

2 Estupro como arma de guerra

Durante a história o estupro é citado em diversos relatos de guerra, muitas vezes mulheres eram retratadas como espólios de guerra, no poema épico Ilíada, os soldados gregos eram prometidos mulheres como recompensa pelas vitórias em guerra: “Se os deuses permitirem que saqueamos a grande cidade de Priam, deixei que os homens escolham vinte mulheres troianas para cada.” (VIKMAN, 2005, p.24. Tradução própria.)

Homens eram entendidos como difíceis de controlar então eram mortos, e mulheres e crianças eram levados para servir como escravos. Estupro, tráfico sexual e escravidão sexual eram práticas comuns usadas como estratégias e formas de arrecadamento de dinheiro para a guerra.

O estupro foi usado como uma arma barata e eficiente contra o inimigo. Segundo o Fundo das Nações Unidas Para a Infância:

> “A violação sexual de mulheres corrói a estrutura de uma comunidade de maneira que poucas armas conseguem. O dano causado pelo estupro pode ser devastador devido à forte reação comunitária à violação e dor causada nas famílias. O dano infligido a uma mulher por um estuprador representa um ataque também à sua família e cultura, pois em muitas sociedades mulheres são vistas como repositórios dos valores culturais e espirituais de uma comunidade.” (UNICEF, 1996, p. 1, tradução própria)[3]

Com isso, é fácil de entender o trauma social e a insegurança que se segue após o abuso sofrido. É preciso entender que acima de tudo, o estupro não é só um ato contra a vítima, é um fenômeno político que tem como propósito envergonhar, silenciar e tirar completamente o poder das vítimas e em muitos casos de toda uma sociedade.

O estupro não está só relacionado ao sexo, é acima de tudo uma expressão de poder de um corpo sobre o outro que usa o sexo como ferramenta. “Nós vamos conquistar sua Roma, quebras suas cruzes e escravizar suas mulheres.”[4] Foram as palavras usadas por Abu Mohammad al-Adnani, representante do Estado Islâmico, em uma mensagem de 2014. Estupro é uma arma comumente usada no século XIX por grupos terroristas que tem como objetivo propagar suas ideias violentas e sua raça, supostamente superior.

---

[3] “Sexual violation of women erodes the fabric of a community in a way that few weapons can. Rape’s damage can be devastating because of the strong communal reaction to the violation and pain stamped on entire families. The harm inflicted in such cases on a woman by a rapist is an attack on her family and culture, as in many societies, women are viewed as repositories of a community’s cultural and spiritual values.”

[4] “We will conquer your Rome, break your crosses and enslave your women.”

3 Mulheres como espólio de guerra

Quando os Soviéticos tomaram completo poder da capital, Berlim, já havia se passado semanas de tormento para os moradores da cidade, bombardeiros a noite, comidas racionadas, altos níveis de desemprego, falta de acesso a informações, com isso os cidadãos estavam exaustos e desmoralizados com tudo que estava acontecendo. E, após dias de provações e incertezas os berlinenses foram obrigados a enfrentar não vitoriosos justos que estavam dispostos a ajudar a reerguer a cidade, mas sim, homens cheios de ódio e sede de vingança.

A escritora anônima do livro: "Uma mulher em Berlim: 8 semanas na cidade conquistada" relata que a primeira tentativa de estupro que ela presenciou foi logo após a invasão da cidade, no começo da noite do dia 27 de abril de 1945. Logo que presencia a cena, a anônima tenta pedir ajuda a um oficial soviético, ele a acalma falando que nada vai acontecer com ela, 2 horas depois, ela é estuprada pela primeira vez. (ANONYMOUS, 2017. P. 71-73)

O desejo do exército vermelho não era só de conquistar a terra e derrubar o sistema nazista, mas também conquistar as pessoas, principalmente as mulheres. A ameaça de estupro em massa e estupros coletivos estava sempre a estreita. Sem se importar com nacionalidade, aparência ou idade, os soldados só queriam o que era deles por direito: as mulheres.

Sabina de Werth Neu em seu livro "A long silence: Memories of a German Refugee Child, conta a noite que foi estuprada pela primeira vez no dia 8 de maio de 1945 quando tinha somente 4 anos:

> (...) "Mãos rudes encontram meus pés e me puxaram da cama. Eu fui segurada de cabeça para baixo, minha camisola branca e pequena sobre a minha cabeça. (...) Alguma coisa entrou no meio das minhas pernas, afiado e grosso. A dor era quase insuportável. Eu queria gritar, mas não podia fazer nenhum som. (...) ...meu próprio sangue escorrendo pela minha barriga até meu queixo. Tudo aconteceu devagar. Minha camisola foi rasgada de mim; eu fui jogada de novo. Alguma coisa horrível entrou na minha boca. Era quente e cheirava tão mal que me fazia engasgar. Eu não podia respirar. Estava morrendo. Eu estava me afogando em líquido, sufocando. Meu rosto, meus ouvidos, meu cabelo todo coberto nessa coisa. (...) ... Eu estava mole, como uma boneca e eu

> estava morta. Se eu já estivesse morta, nada poderia me machucar de novo" [5](...) (NEU. 2011. Pg. 44. Tradução própria)

A viúva idosa que dividia um apartamento com a anônima também foi violentada no meio da noite por soldados soviéticos:

> "Estava escuro quando alguns Russos se aproximaram, a agarraram e a jogaram no chão (...) Eu não sei sua idade exatamente. Não tenho certeza se ela me diria. Provavelmente entre quarenta ou cinquenta (...), mas qualquer mulher vai servir quando eles agarrarem no escuro." [6] (ANONYMOUS, 2017. Pg. 79. Tradução Própria.)

Quando a anônima foi mais uma vez pedir ajuda a um oficial depois de ter sido estuprada 3 vezes em uma noite a resposta foi:

> "Ele olha para o grupo de pessoas e ri, ri ao meu gaguejado. "Vamos lá, eu tenho certeza de que eles não a machucaram, nossos homens são todos saudáveis." [7](ANONYMOUS, 2017. Pg. 74. Tradução própria.)

Como podemos ver pelo relato, ocorreram tantas reclamações de estupros coletivos que se torna impossível de serem considerados ações isoladas. Depois dessa primeira noite, a Anônima foi estuprada diversas outras vezes.

Não só o comportamento não era escondido, mas apoiado como vimos no relato acima, e autorizado. Segundo Tony Judt, (2005. pg. 44 apud DJILAS, 1961) em uma conversa de Milovan Djilas com Stalin, que é perguntando sobre o comportamento dos seus soldados o ditador responde:

> "Saberá Djilas, ele mesmo um escritor, o que são o sofrimento e o coração humano? Não poderá ele compreender o soldado que passou

---

[5] But rough hands did find my feet and pulled me out of bed. I hung upside down, my small white nightie over my head. Something entered between my legs, sharp and thick. The pain was almost unbearable. I wanted to shriek but could not make a sound. All my senses were sharpened. ... my own blood running through the nightie form my belly to my chin. Everything was happening so slowly. My nightie was ripped off me; I was tossed again. Something really awful entered my mouth. It was hot and smelled so bad it made me gag. I couldn't breathe. I was dying… I was drowning in foul-tasting liquid, suffocating. My face, my ears, my hair was covered with this stuff. was limp, like a lifeless doll, and I was dead. If I was already dead, nothing would hurt me again… I was gone

[6] "It was pitch dark when some Russian came up and grabbed her, threw her on the floorboards… I don't know her age exactly. I'm not even sure she would tell me. Probably between forty and fifty… But for them any woman will do, when they're grabbing in the dark.'

[7] "He looks at the pitiful group of people come to complain and laughs, laughs at my stammering. `Come on, I'm sure they didn't really hurt you. Our men are all healthy."

> pelo sangue, fogo e morte, se divertir com uma mulher ou com alguma ninharia?" (JUDT, 2005. Pg.44 apud DJILAS, 1961)

Ou seja, não só o comportamento era de conhecimento de Stalin, mas também aprovado. Na resposta do ditador é claro como a mulher é tratada como espólio de guerra. O estupro era usado como o último insulto, a última forma de humilhação dos vencedores para os perdedores. Porém no pós-guerra também foi usado como uma forma de tomar posse sobre os corpos das mulheres. É muito mais do que o ato sexual, mas no pós-guerra, a ação também tem que ser levada em consideração.

Durante o último ano da guerra começa a jornada dos soviéticos do leste com o intuito de dar um fim ao regime nazista. Com isso eles são expostos a horrores que já tinham enfrentado durante as invasões nazistas em seu país em 41. Homens passaram anos guerreando e escutando horrores dos seus inimigos, muitos que conheciam parentes que foram violentadas pelo exército inimigo.

4 As diversas formas de estupro em tempos de guerra

O estupro em tempos de guerra tem como objetivo principal "desestabilizar grupos opostos, enfraquecer valores fundamentais para a comunidade, humilhar vítimas e testemunhas e garantir controle através do medo e intimidação." (Anistia Internacional *apud* Carter, 2010, Pg. 356 e 357, tradução própria). Prostituição forçada, escravidão sexual e relações sexuais sobre ameaças são exemplos de formas de violência.

Muitas mulheres eram obrigadas a se relacionar com soldados para garantir proteção e comida para si e seus parentes, muitos soldados sabiam que os alemães estavam sem acesso a comida e usavam essa situação em seu benefício. Muitas mulheres rejeitavam presentes dos soldados porque sabiam que os itens vinham a um preço alto, mas nem todas as mulheres tinham esse privilégio.

Muitas mulheres precisavam da proteção que o soldado poderia prover, existia um taboo, que quando você era colocada sobre a proteção de um homem os outros não chegavam perto. Essa prática era comum já que mulheres sem essa proteção eram estupradas coletivamente todos os dias por 10, até 15 homens em um dia. A anônima de "Uma mulher em Berlim" procura e consegue a proteção de um sargento depois de ter sofrido diversos estupros.

Comida e proteção não eram as únicas estratégias usadas pelos soldados, os que não queriam enfrentar algum tipo de resistência ofereciam pequenos presentes para as mulheres, desde relógios furtados a chocolates. Muitas não aceitavam e eram forçadas a isso, e outras cansadas de sofrer, aceitavam no final. Consentir com a violência sexual em troca de segurança ou comida se tornou algo comum na Berlim destruída de guerra.

O que entendemos agora como forma de sobrevivência, na época, não foi aceita como tal. Mulheres, como relatado antes, procuravam oficiais de altas patentes para serem colocadas em sua segurança. A relação, de jeito algum era prazerosa ou estabelecida sob amor e respeito, era simplesmente proteção contra os estupros em massas que ocorriam de dia e noite na cidade. A Anônima escreve um pouco dos seus dilemas quanto a isso:

> "De jeito algum eu poderia dizer que o major estava me estuprando... então eu estou me colocando aos seus serviços da minha vontade. Faço isso porque gosto dele ou quero seu amor? Deus me livre! No momento eu já tive o suficiente de homens e seus desejos, não me imagino desejando isso novamente. Estou fazendo isso por bacon, manteiga, açúcar, velas e carne enlatada? Até certo ponto tenho certeza de que estou. Eu não gostei de depender da viúva. Estou feliz de poder ter algo meu – pelo major, claro (...) ... Mas eu posso falar com o major. O que ainda não responde minha questão sobre se eu deveria me chamar de prostituta agora, já que, essencialmente, estou vivendo do meu corpo, o trocando por algo para comer. Por outro lado, escrevendo isso aqui me faz pensar por que estou sendo tão moralista e agindo como se prostituição estivesse tão abaixo da dignidade (...) eu vou pular de felicidade quando eu puder sair dessa linha de trabalho, se é assim que eu quero chamar minha atividade presente, assim que eu conseguir ganhar meu pão de um jeito que melhor se adeque a meu orgulho."[8] (ANONIMA, 2017. Pg. 115-117. Tradução própria.)

Essa luta ética que se passa na cabeça da Anônima se dá muito pela falta de identificação claro do que é estupro de guerra. Ela entende que não é prostituição porque ela sabe em um grau que não tem outra opção, mas também sabe que não é estupro porque

[8] By no means could it be said that the major is raping me… so I am placing myself at his service of my own accord. Am I doing it because I like him or out of a need for love? God forbid! For the moment I've had it up to here with men and their male desire; I can't imagine longing for any of that again. Am I doing it for bacon, butter, sugar, candles, canned meat? To some extent I'm sure I am. I didn't like having to sponge off the widow. I'm happy to be able to giver her something of mine—through the major, of course… But I can talk with the major. Which still isn't an answer to the question of whether I should now call myself a whore, since I am essentially living off my body, trading it for something to eat.

ela consente o ato. A complexidade de entender o que essa nova situação funcionava para ela é perturbadora como ela mesma coloca:

> "Eu simplesmente não consigo me forçar nesse papel, me sentir calma tão rápido. Eu tenho essa repulsa de ser passada de mão para mão, e me sinto humilhada e insultada, degrada em uma coisa sexual." [9](ANONIMA, 2017. Pg. 104. Tradução própria.)

Com isso entendemos não só como a violência nessa situação foi física, mas política também, as mulheres que antes eram acostumadas com vidas boas, a Anônima era redatora de um jornal em Berlim, se encontram em situações em que são humilhadas e degradadas todos os dias. Sem a proteção do estado, a individualidade da mulher foi anulada sobrando só uma casca que vive dia após dia tentando sobreviver.

Entendemos então como o estupro é a arma mais eficiente para os objetivos buscados. Instaura medo geral em uma sociedade sem custos financeiros, é fácil de se esconder os culpados e fácil de encontrar e coagir vítimas. Acima disso, se encontra as questões de gênero e poder cercados os corpos.

Os homens entendem sua superioridade a mulher baseando-se no patriarcado estrutural que acredita que de alguma forma o homem é superior as mulheres. O poder, segundo Megan Gerecke (SJOBERG, 2010. Pg. 141) está ligada á questão de "polarização dos papeis de gênero" durante conflitos.

5 Consequências a longo prazo

Como descrever o horror? Tentamos explicar nesse artigo o porquê o estupro como arma de guerra acontece e quais são as diversas questões envolvidas nesse ato. Mas algo de extrema importância é entender os traumas que as vítimas sofrem para o resto de sua vida.

Sabemos que o estupro anula a força da mulher de fora para dentro e destrói sua individualidade como pessoa social. As mulheres entraram em relações consensuais com soldados em troca de comida e segurança, a complexidade do que é considerado consenso nessa situação nunca vai deixar de ser um complexo dilema na vida dessas mulheres.

[9] "I just can´t force myself into this role, to feel at ease so quickly. I have this repulsive sense of being passed form hand to hand; I feel humiliated and insulted, degraded into a sexual thing.

Essas vítimas foram jogadas em guerras privadas, onde não se sabia qual era o certo ou o errado, e que o terror era a única constância.

Tratando as mulheres como espólios de guerra, os soldados objetificaram os corpos femininos e os transformaram em uma coisa. Junto a isso, existia a raiva dos Soviéticos para o povo Alemão, a vontade de vingança. As mulheres foram tão violentadas muitas morreram de hemorragias ou tiveram lesões permanentes em seus órgãos sexuais, junto a isso a violência deixa dificuldades sociais, culpa, isolamento e medo de intimidade.

Fora isso, diversas mulheres engravidaram de seus abusadores e por isso foram envergonhadas por suas famílias que as tomavam como aliadas ao inimigo. Segundo Tony Judt (2005. Pg.45.): “Nasceram entre 150 000 e 200 000 bebês russos, em 1945-1946, na zona alemã ocupada por soviéticos, e esses dados não consideram a enorme quantidade de abortos, em resultados dos quais, a par dos seus fetos não desejados, mulheres morreram.”

Philipp Kuwert, psiquiatra especializado em trauma da Universidade de Greifswald na Alemanha, coordenou um estudo que tinha como objetivo entender os traumas a longo prazo comparando mulheres que viveram no Pós-guerra e sofreram violência sexual como trauma de guerra e as mulheres que os traumas não estão relacionados a abusos sexuais. Usando entrevistas de 27 mulheres com idades em torno de 80 anos, o estudo chega à conclusão de que as mulheres que sofreram violência sexual apresentam um grande nível de Transtorno de estresse pós-traumático (PTSD) em relação a mulheres que sofreram outros tipos de trauma.

Fora isso, 80.9% das mulheres reportaram viver com algum tipo de problemas sexuais severos durante sua vida. Os sintomas relacionados ao PTSD, em vítimas de abusos sexuais foram apresentados com um severo grau de isolamento sentimental e hiperexcitação, mais conhecida como a reação lutar e fugir, mesmo depois de 6 décadas do trauma. Junto ao trauma, o estudo considera também o afastamento sofrido pelas vítimas por suas famílias e pessoas próximas. Foi comparado que mulheres que não sofreram abusos sexuais tiveram mais aceitação de suas famílias daquelas que foram abusadas.

Como já falado, atualmente as Nações Unidas está na missão de trazer mais atenção ao assunto e tentando prevenir os abusos de aconteceram, porém já é tarde demais para as mulheres Alemãs que viveram a II guerra mundial, a Anônima no ano de 2022 torno de 96 anos teria em. A Sabina de Werth Nu está com 81 anos e vive uma vida feliz em Miami com seu marido. O que as duas tem em comum, além dos abusos sexuais que foram vítimas? As duas chegarão ao fim da sua vida e já não tem mais forças para expor os horrores que os estupros em massa causaram as mulheres da sua época.

6 Considerações Finais

Segundo o 13º Relatório das Nações Unidas em Conflitos Relacionados a Violência Sexual de 2021, 18 países contam com violência sexuais em áreas de conflitos ativos, de 1,565 casos, 48% são crianças e dessa porcentagem 98% são mulheres. Mesmo esse artigo relatando acontecimentos de 77 anos atrás as violências são diárias contra as mulheres nos conflitos ao redor do mundo. Não só essas mulheres foram violentadas física e psicologicamente, elas ainda foram silenciadas e anuladas de suas experiencias. E não receberam, até hoje um único pedido de desculpas ou compensação pelo trauma que sofreram. Não só isso, mas vivem todos os dias sabendo que seus abusadores não só estão vivos, mas, provavelmente, vivendo vidas mais confortáveis do que a delas.

Como relatado no começo desse artigo estupro como arma de guerra não é algo recente, acontece a séculos e só em 2008 que começa a ser considerado crime de guerra e em 2018 a primeira pessoa é presa sobre esse crime. Esse tópico tão sensível precisa ser discutido tanto com o intuito de mostrar as violências que as mulheres de 1945 sofreram quanto para mostrar que essas violências não podem ser mais aceitas. Esperamos que com esse artigo, mais debates sejam trazidos a luz sobre esse assunto e que as mulheres violentadas na década de 40 e nos dias de hoje se sintam representadas.

Importante sempre lembrar que estupro não é só um ato sexual, é um ato político que visa anular as mulheres, suas culturas, sonhos e desejos. Os atos de violência contra as mulheres foram responsáveis por formar a identidade do pós-guerra da Alemanha. Mulheres foram violentadas pelo exército vermelho, excluídas de suas famílias pela vergonha e trauma, excluídas de uma justiça para com os seus abusadores, e até hoje, são excluídas da história. Sabina de Werth Neu explica o sentimento: “vitimizar mulheres e crianças em tempos de guerra parece ser o ato supremo de raiva e vingança dos homens

contra o inimigo que estão lutando. É uma expressão de sua própria vitimização que os transformou em assassinos legalizados, fora do bem e do mal."[10] (NEU, 2011. Pg. 68)

Bibliografia

ANONYMOUS**. A Woman in Berlin: Eight weeks in the conquered**. London: Picador, 2017.

BEEVOR, Antony. **The fall of Berlin 1945.** New York: Penguim, 2003.

CARTER, Kathleen R. **Should international relations consider rape a weapon of war?** Politics & Gender, v. 6, n. 3, p. 343-371, 2010.

CLIFFORD, Cassandra; **Rape as a weapon of war and it´s long-term Effects on Victims and Society**. In: 7th Global Conference Violence and the Contexts of Hostility. p. 1-13, 2008. CONVENÇÃO para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. 9 dez 1948. Disponível em:http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/genocidio.htm. Acesso em: 13 de abril de 2022.

HITCHCOK, Wiliam I. **The bitter road to freedom: the human cost of allied victory in World War II Europe.** Washington, D.C.: Free Press, 2009.

HIRSCHAUER, Sabine. **The securitization of rape: women, war, and sexual violence.** Springer, 2014.

JUDT, Tony. **Pós-guerra: história da Europa desde 1945.** 1ª edição. Edições 70, 2017.

KUWERT, Philipp, Heide Glaesmer, Svenja Eichhorn, Elena Grundke, Robert H. Pietrzak, Harald J. Freyberger, and Thomas Klauer. **"Long-Term Effects of Conflict-Related Sexual Violence Compared with Non-Sexual War Trauma in Female World War II Survivors: A Matched Pairs Study."** Archives of Sexual Behavior 43, no. 6 (March 7, 2014) Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24604012/ Acesso em: 24 de maio de 2022.

MACKENZIE, Megan. **Securitizing sex? Towards a theory of the utility of wartime sexual violence**. International Feminist Journal of Politics, v. 12, n. 2, p. 202-221, 2010.

[10] Victimizing women and children in times of war seems to be the ultimate act of rage and revenge by men against the enemy they are fighting. It is an expression of their own victimization that has made them into legalized killers, outside of good and evil.

NEU, Sabina De Werth. **A Long Silence: Memories of a German Refugee Child, 1941-1958.** New York: Prometheus Books, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SJOBERG, Laura. **Gendered realities of the immunity principle: Why gender analysis needs feminism**. International Studies Quarterly, v. 50, n. 4, p. 889-910, 2006.

SJOBERG, Laura; VIA, Sandra. **Gender, war, and militarism: feminist perspectives**. ABC-CLIO, 2010.

TICKNER, J. A., TRUE, J. **A Century of International Relations Feminism: From World War I Women's Peace Pragmatism to the Women, Peace and Security Agenda.** International Studies Quarterly, 62(2), 221-233, 2018.

UNICEF. **The state of the world´s children 1996.** November 1996.

United Nations Security Council. Resolution 1820. UN Index: S/RES/1820, 19 de junho de 2008. Tradução nossa. Disponível em: https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/CAC%20S%20RES%201820.pdf. Acesso em: 24/04/2022.

VIKMAN, Elisabeth. **Ancient Origins: Sexual Violence in Warfare, Part I.** Anthropology and Medicine. Vol. 12, No. 1, April 2005, pg. 21-31.